

LINHA TORTA

A partida não merecia alarde. Tinha um propósito, era uma missão — provavelmente a última da minha vida — enviada pelos santos de nosso tempo. Não precisava de muito: o passo era firme, o coração tranquilo.

Vestia uma camisa de botão, de manga curta, daquelas que lembram um cobrador de ônibus; no bolso da calça social, a carteira; na cabeça, o boné da Rede Construção, que ganhei depois de comprar um martelo e dois pacotes de pregos. Perto da porta, a mochila rosa — emprestada da minha neta — guardava minha melhor roupa, um rosário, dois sanduíches, uma garrafa d'água e nada mais. Era só o que cabia. O mapa, revisado com obsessão nos últimos dias, seguiria dobrado debaixo do braço.

Antes de sair, percorri com os olhos cada canto da casa. Molhei as plantas, chequei o gás, tramelei as janelas. Na soleira, respirei fundo. Tranquei a porta e segui pela estrada de chão. Até a cidade, eram cinco quilômetros. A lua iluminava o caminho. Precisava chegar antes das seis para embarcar no ônibus da saúde até Francisco Beltrão.

Convencer meu compadre, o motorista, a me levar sem consulta marcada foi fácil. Difícil foi fazer com que me deixasse na BR — tinha medo do meu filho, policial. Mas meu compadre me conhecia, e isso bastou.

O ônibus se foi, e eu fiquei ali, observando o movimento. O mapa nas mãos, revendo a rota — sem realmente olhar. Eu a conhecia de cor. Fiz sinal para os caminhões que passavam. Não demorou. Ser velho tem suas vantagens. Precisava de carona e aquele caminhoneiro sabia. Disse que ia para Guarapuava. Era a rota e o roteiro da minha vida parecia mesmo seguir os planos de Deus.

Ele tinha 28 anos, duas filhas e era de São Paulo, mas percorria essa região desde os 19. E assim como eu especulei sobre sua vida, ele quis saber da minha. Conteí mais do que era necessário. Sempre fui boca de sacola — mal que minha velha reclamou até o fim. Os motivos daquela viagem, no entanto, ele pareceu não entender. Tentou me explicar que não funciona dessa maneira. Só que nada do que ele me dissesse ia me fazer voltar.

Foi aí que fez a pergunta fundamental:

— Por que não foi de ônibus?

A resposta era simples: só queria chegar ao meu destino, cumprir meu papel na terra e voltar para casa — antes de retornar ao pó. Sem meu filho, nora, neta, vizinhos e seja lá mais quem for me dizendo o que fazer. Ir de ônibus resultaria numa busca de um dia. Eu era velho, não burro.

Perto de Guarapuava, o caminhoneiro informou que tinha um amigo que passaria por ali em uma hora e iria direto para Osasco, levar uma carga e eu, se aceitasse a carona. Eu podia esperar no posto, perto do trevo. Agradei, me despedi e esperei. O amigo demorou a chegar, mas quem espera sempre alcança.

A viagem era longa. Dividi um de meus sanduíches com ele e ele deu pitacos sobre o absurdo de um velho como eu sair escondido de madrugada, feito adolescente. Ele tinha razão, mas era melhor evitar o drama — e meu filho sabia ser dramático. Era capaz de me algemar no fogão a lenha até essa situação toda passar.

Chegamos à meia-noite e dormimos dentro do caminhão, em frente à Catedral de Santo Antônio. E se Deus escreve certo por linhas tortas, o destino não é uma linha traçada — é uma dança entre o improvável e o inevitável. E o improvável foi inevitável: ali, ao abrir a janela, diante de meus olhos, vi uma caravana de idosos como eu, indo para Aparecida. Foi fácil me misturar. A minha melhor roupa tinha esse poder. O amigo me olhou enquanto embarcava: o olhar de quem diz “você está louco” misturado com “boa sorte”.

Três horas depois, eu estava diante do maior santuário de fé do país. Atravessei o estacionamento com passos lentos, o rosário entre os dedos, inspirando o cheiro de fé antiga. Ao longe, o som abafado dos sinos anunciava a primeira missa. A basílica se erguia como se quisesse tocar o céu. E nas paredes um mosaico de pedras se impunha no concreto. Vi os fiéis, romeiros, freiras, e um padre.

E foi o padre que me atraiu.

Minhas pernas me guiaram até ele, mais rápido do que minhas juntas permitiam. Quando o alcancei, com o coração acelerado e a respiração ofegante, fiz a única pergunta que importava:

— Onde é a votação para o novo Papa?